

Globethics Repository



Economia popular, a riqueza dos seres humanos [Popular economy, the wealth of human beings]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy
of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Tiriba,Lia
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-09-17 23:36:07
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/162527

Ela leciona no curso de Pedagogia da Universidade Federal Fluminense, do Centro de Estudos Sociais Aplicados. É graduada em Pedagogia pela UFRJ, especialista em Orientação Educacional pela Faculdade Estácio de Sá (FES), mestre em Educação pela Fundação Getúlio Vargas, do Rio de Janeiro, com a tese Trabalho e educação da classe operária: a perspectiva política da escola do sindicato dos metalúrgicos. Doutorou-se em Sociologia Econômica e do Trabalho na Universidade Complutense de Madri, Espanha, com a tese Economía popular y crisis del trabajo asalariado: de las estrategias de supervivencia a la producción de una nueva cultura del trabajo. É autora de Economia popular e cultura do trabalho: pedagogia(s) da produção associada. Ijuí: Unijuí, 2001 e Trabalho e educação: arquitetos, abelhas e outros tecelões da economia popular solidária. Aparecida: Idéias e Letras, 2004, este último escrito com Iracy Picanço.

Economia popular, a riqueza dos seres humanos

Entrevista com Lia Tiriba

***IHU On-Line* - Como os conceitos de economia popular e cultura do trabalho se relacionam?**

Lia Tiriba - Quando falamos em economia popular estamos nos referindo a atividades econômicas e práticas sociais desenvolvidas pelos setores populares para garantir a reprodução ampliada da vida. Quando a perspectiva é reprodução da própria vida, a forma de produzir, distribuir e consumir bens e serviços tende a diferenciar-se da forma capitalista, cujo objetivo é o lucro máximo. Tomemos como exemplo a produção de pães em dois processos distintos: no primeiro, sendo proprietários dos meios de produção, os trabalhadores produzem para o consumo próprio, vendendo o excedente no mercado. No segundo processo, sendo empregados de uma panificação, os trabalhadores vendem sua força de trabalho para os proprietários dos meios de produção. Tratando-se de dois processos nos quais se estabelecem distintas relações sociais de produção, iremos encontrar distintas

culturas do trabalho, cujos elementos se evidenciam nas formas de organização e gestão do trabalho, pelas relações de mercado, pelas motivações e expectativas dos trabalhadores em relação ao seu trabalho etc. No caso de uma organização econômica popular, a autonomia, por exemplo, passa a ser um componente da cultura do trabalho que vai se materializando no dia-a-dia da produção, já que o controle do tempo, do quanto e do como se vai produzir é prerrogativa dos trabalhadores associados (e não do capitalista).

***IHU On-Line* - Que tipo de racionalidade está implícita no conceito de economia popular e como ela se diferencia da economia neoliberal?**

Lia Tiriba - A economia neoliberal representa o coroamento da economia capitalista. Em detrimento das questões sociais, o mercado se apresenta como um ente abstrato, como um Deus Mercado, de quem dependeria nossa

felicidade. Na economia popular e em especial, na economia popular solidária, a riqueza é a riqueza dos seres humanos, é a satisfação das necessidades humanas fundamentais... satisfação esta que não se compra em um *shopping center*. Na economia popular solidária, a liberdade não se realiza no mercado, mas na capacidade dos seres humanos de recriar e recriar o mundo do trabalho e as relações sociais de convivência.

IHU On-Line - Quem são os agentes da economia popular?

Lia Tiriba - Da economia popular participam, como diria Ricardo Antunes⁴², todos aqueles que “vivem-do-trabalho”. Em outras palavras, participam todos aqueles que não vivem da exploração do trabalho alheio e que buscam organizar o trabalho de forma participativa e solidária. Para poder analisar os fios que tecem o movimento por uma economia popular solidária, acho interessante nos perguntar quem são os “atores” (aqueles que pegam pesado no trabalho) e quem são os “agentes” (ou seja, aqueles que estimulam, apóiam e assessoram os empreendimentos econômicos solidários). Penso que as diferentes materialidades que vão se construindo na economia popular solidária, sintetizam – de alguma maneira – as diversas práticas e concepções de trabalho, de mundo e de sociedade que carregam seus atores e agentes.

IHU On-Line - De que forma a economia popular funciona como

⁴² **Ricardo Antunes:** Graduado em Administração Pública, é mestre e doutor em Ciências Sociais, é professor titular de Sociologia no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp. É autor de *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1995 e *Os sentidos do trabalho. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. 6ª ed., São Paulo: Boitempo Editorial, 2003, entre outros. (Nota da *IHU On-Line*)

uma alternativa para uma nova economia?

Lia Tiriba - Por serem fragmentadas e pulverizadas, as atividades da economia popular só se tornam uma alternativa à economia capitalista, na medida em que seus atores e agentes conseguem, de fato, dar organicidade a suas práticas e projetos. A economia popular não deve ser compreendida apenas como um refúgio dos desempregados, mas como a possibilidade de materialização de um projeto econômico que se oponha à lógica do capital. A criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária - SENAES, bem como do Fórum Brasileiro de Economia Solidária - FBES representam um marco em termos de organização dos trabalhadores e trabalhadoras, em nível nacional.

IHU On-Line - Como a cultura do trabalho é vista dentro do conceito de economia popular? A senhora poderia explicar melhor o fato de a força de trabalho não ser empregada como mercadoria?

Lia Tiriba - Gostaria de ressaltar que também são consideradas como pertencentes à economia popular as práticas sociais, cujo objetivo é a reprodução da unidade doméstica, a preservação do bairro, o cuidado com a comunidade... Um bom exemplo são os trabalhos desenvolvidos em mutirão, o que é muito comum entre os setores populares. Na economia popular, tanto no âmbito da cooperativa, da associação, do grupo de produção, como no âmbito da comunidade, destacam-se nas relações sociais os valores de comensalidade, da reciprocidade e da cooperação. Por ter as redes de solidariedade como redes de sustentação do projeto que se quer empreender, os frutos de trabalho não resultam do trabalho na sua forma assalariada (típica do sistema capitalista), mas do trabalho associativo, no qual não existem nem patrões, nem empregados. Diferentemente da cultura

capitalista do trabalho, na economia popular pressupõe o desenvolvimento de práticas econômico-sociais que têm como caldo cultural o que Luis Raseto chama de “fator C”: cooperação, colaboração, companheirismo etc. Embora as pessoas possam estar contaminadas pela ideologia capitalista (o que, de alguma maneira, todos nós estamos), nosso desafio é a fortalecimento de uma cultura do trabalho que materialize a possibilidade de que todos (e não apenas alguns) possam se tornar “dirigentes” de si, de seu trabalho e do mundo.

IHU On-Line - Por que a economia popular tem se apresentado como a “economia dos pobres” no contexto do modelo neoliberal de acumulação de capital?

Lia Tiriba - Na medida em que leva aos extremos o desemprego e a produção da pobreza, o projeto neoliberal torna ainda mais evidentes as atividades da economia popular (a qual não é sinônimo de economia informal!!!). É verdade que, a cada dia, mais e mais pessoas se vêem diante do desafio de criar estratégias de trabalho e de sobrevivência, inclusive aquelas que mantêm seus postos assalariados de trabalho. Alguém conhece alguma escola pública onde não existam professores que na hora do recreio inventam alguma coisa para complementar a renda? No entanto, como mencionei há pouco, a economia popular não pode ser vista apenas

como um espaço onde os desempregados se refugiam da crise estrutural do emprego ou buscam nela a complementação de poucos salários. Acredito que a economia popular carrega os germes de um novo sentido para o trabalho, de um novo projeto de desenvolvimento econômico. Não apenas para aliviar pobreza que ela deve ser fortalecida.

IHU On-Line - Como a economia popular está inserida em um mundo globalizado?

Lia Tiriba - Existe uma frase de Canclini que me é inspiradora: “Os migrantes atravessam a cidade em muitas direções e instalam, precisamente nos cruzamentos, suas barracas de doces regionais e rádios de contrabando, ervas medicinais e videocassetes”, ou seja, as pessoas, fazem qualquer coisa para sobreviver, mesclando atividades da economia popular e da economia informal. Esta é uma das marcas da chamada “globalização”. Na verdade, vivemos a globalização da pobreza e com ela, a globalização da informalização da economia (agora, ainda mais útil para o capital). Contraditoriamente, a globalização dos bens materiais e simbólicos permite nossa maior aproximação de outros povos do mundo, em especial, daqueles que acreditam que “outro mundo é possível”.